

William Meikle

UM DESTINO ESGUIO

Um caso de Derek Adams, Detetive Particular

Tradução de LP Lindroth

RetroPunk Publicações

Título original: A Slim Chance

Copyright © por William Meikle

Copyright da tradução © 2015 RetroPunk Publicações

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos autores ou da editora.

Tradução de Luiz Paulo Lindroth

Diagramação de G. Moraes

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

RetroPunk Publicações.

Rua Colombo, 869 - Conjunto 23A

Curitiba - Paraná - 80540-250

E-mail: faleconosco@retropunk.net

www.retropunk.net

UM DESTINO ESGUIO

Eu fumara cigarros demais, bebericara do Highland Park além da conta e deixara Bessie Smith me dizer o quanto homens não prestavam. Uma fraca luz de sol da tarde finalmente brilhava em Glasgow; os últimos resquícios do inverno agora não passavam de uma memória distante. Velho Joe pôs “Just One Cornetto” para tocar na loja logo abaixo. Eu não tinha um único caso para resolver, não que eu me importasse com isso.

Tudo estava certo com o mundo.

Eu deveria saber que era bom demais para que durasse muito.

Eu o escutei subindo as escadas. Sherlock Holmes poderia ter calculado a sua altura, peso, tamanho do calçado e nacionalidade apenas pelo barulho que fazia. Tudo que pude concluir é que era ou muito velho ou muito doente; avançava pelas escadas como se estivesse escalando uma montanha com um Sherpa pendurado nas costas.

Ele bateu levemente na porta.

A música terminou de forma cômica, como o encerramento de uma esquete de comédia.

— Entre. O Serviço de Massagens Adams está aberto.

À primeira vista achei que fosse algum andarilho ou mendigo. Seu cabelo estava despenteado, sua barba estava por fazer e seus olhos estavam vermelhos e lacrimejavam. O homem vestia um velho terno de lã por cima de um cardigã um tanto grande e desalinhado, seu cabelo se projetava para fora do escalpo em tufos estranhos. Eu raramente vira um homem tão necessitado de uma bebida.

Ou de uma refeição.

Ele era tão magro que chegava a ser quase esquelético, a pele no seu rosto se esticava por cima das bochechas sem folgas, estava justa, apertada. Me preocupei que se o fizesse sorrir sua face poderia rasgar ao meio da mesma forma que uma fruta madura demais.

— Você é o Adams? — Ele perguntou enquanto entrava. O homem se mostrou ser mais jovem do que eu esperava que fosse, provavelmente em algum ponto dos seus trinta anos, apesar da sua aparência ser de alguém muito mais velho. — O George do Dois Cães disse que você poderia ser capaz de me ajudar.

Acenei para que entrasse.

— Já era hora do George começar a cobrar alguns dos favores que devo para ele. Por favor, sente-se Senhor...?

— Duncan. Ian Duncan.

Ele sentou-se na parte da frente da cadeira, sem se reclinar até o fim ou tocar no encosto, como se tivesse medo de relaxar. Seus olhos circularam a sala com rapidez, nunca olhando tempo demais para qualquer coisa, nunca me olhando diretamente.

— Cigarro? — eu perguntei, oferecendo-lhe o maço.

Ele sacudiu a cabeça.

— *Nae*¹, isso pode acabar me matando — ele disse.

Acendi um para mim de qualquer forma... um odor vazava daquele homem, um cheiro oleoso e espesso tão forte que nem mesmo o encorpado aroma do cigarro dava conta.

Hora de tratar de negócios.

— Então, o que posso fazer por você, Senhor Duncan?

— Estou sendo perseguido — ele disse. — Preciso que você faça isso parar.

Eu o encarei de volta.

— Isso me parece com um serviço para a *Polis*² — eu disse.

Ele riu, fazendo o ato parecer com um suspiro. Tirou um maço de notas de cinquenta libras do bolso e as bateu contra a mesa. Eu tentei fingir indiferença.

— *Nae*. Este não é um serviço para aqueles pobres de espírito em nível terminal — ele disse. — Eu necessito de alguém com um tipo de experiência específico. O *seu* tipo de experiência.

Senti um calafrio subir a minha espinha e tive a súbita vontade de tapar os ouvidos com as mãos. Tirei o whisky da gaveta e o ofereci uma dose. Ele sacudiu a cabeça negativamente, mas os seus olhos não desviaram a atenção da garrafa. Eu servi a dose dele em um copo de vidro ao lado do meu e mandei os dois garganta abaixo antes de começar a falar.

— E exatamente que tipo de experiência você precisa de mim para que possa te ajudar?

Um bom contador de histórias deve praticar a narrativa. No início, ele parece com o seu pai arruinando pela centésima vez aquela velha piada que ele adora contar durante o jantar.

Ah, espere... Eu lembrei de te dizer que o cavalo tinha um porco junto com ele?

Mas, gradualmente, o contador de histórias começa a compreender o ritmo da história e como ela depende de se saber todos os mínimos detalhes, até mesmo aqueles que ninguém percebe. Ele sabe qual era a cor das calças que vestia quando a história aconteceu, sabe que o cão da polícia tinha uma perna ruim, sabe que o cubículo no banheiro cheirava a mijo e merda. Ele tem a imagem tão bem construída na mente que quase acredita que esteve lá. Assim que todos esses estágios foram alcançados, ele conta a história como ninguém, completa com um final memorável e inesperado.

1 Gíria escocesa para não (N.d.T).

2 Gíria escocesa para polícia (N.d.T).

E há o Método Ian Duncan... Jogue informações aleatoriamente como se fossem confetes e torça para quem alguém seja capaz de juntar os fatos para saber o quê aconteceu a quem.

Eu levantei uma sobranceira e isso foi o bastante para que ele começasse a história dele.

— Começou há quatro meses. Éramos seis na época, começou como um desafio. Um daqueles shows do *Comic Relief*³ estava se aproximando e decidimos entrar em uma dieta em nome da caridade. Na primeira semana conseguimos perder quase três quilos entre nós... ou, pelo menos, os cinco homens conseguiram. A *wee*⁴ Annie Gardner estava enfrentando dificuldades, ela não conseguia se exercitar direito e...

Eu tossi de uma forma educada.

— Existe algum objetivo nessa história toda, Sr. Duncan?

— *Aye*⁵, preciso da sua proteção — ele disse baixo. — Proteção contra o que está me perseguindo.

Eu suspirei.

— E o que, exatamente, está atrás de você? — eu perguntei. — Algum cachorro enorme? Ou algum *Glaswegian*⁶ armado de um machado, talvez?

O medo estava presente em seus olhos.

— Pior — ele disse. — Muito pior. Três de meus amigos morreram recentemente. E eu posso muito bem ser o próximo — completou.

— Me conte mais — eu disse suavemente.

Ele começou a chorar do mesmo modo que crianças quando tentam ser corajosas, segurando tudo para si mesmo. Os ombros subiam e desciam com os soluços de choro e lágrimas corriam a face magra. E então ele *realmente* me assustou. Ele começou a arquejar com força, tentando respirar. Dobrou o corpo por cima de si mesmo e entrou em um acesso de tosse tão forte que achei que tossiria os próprios pulmões.

Eu pus um pouco de whisky em um copo e o entreguei, precisando fixá-lo dentro da sua mão trêmula.

Ele engoliu de uma só vez. A tosse parou, mas o medo voltou aos seus olhos enquanto olhava para o copo agora vazio.

— Eu achei que fosse água — ele sussurrou.

Algo mais forte que o vento sacudiu a janela atrás de mim.

— Por favor! Eu achei que fosse água — ele berrou. Ele pulou para fora da cadeira tão rápido que acabou caindo com um estrondo no chão.

Eu levantei sem ter certeza do que fazer em seguida.

Não me foram dadas opções. A janela explodiu com uma forte batida e o quebrar do vidro. Senti algo me agarrar pela nuca e a minha cabeça foi empurrada para baixo, com força, contra o lado da escrivaninha. O canto da mesa me acertou perto do olho direito e sangue jorrou enquanto eu caía.

Duncan gritou.

3 Organização britânica de caridade (N.d.T).

4 Gíria escocesa para pequena (N.d.T).

5 Gíria escocesa para sim (N.d.T).

6 Morador de Glasgow (N.d.T).

Eu tentei limpar os meus olhos. Estava parcialmente cego pelo sangue no meu olho direito e a minha visão estava borrada, mas fui capaz de discernir o bastante para saber que algo grande e branco inclinara-se por cima do homem.

O que diabos é isso?

Duncan parou de berrar e ficou em silêncio. O único som na sala era um barulho de sucção úmida, como um peido molhado. Eu queria me pôr de pé, mas a minha cabeça tinha outros planos e a sala toda rodou até que eu conseguisse me endireitar com uma mão na mesa.

Agora até mesmo o barulho de sucção havia parado.

Eu olhei, sem foco algum, na direção da coisa branca enquanto a mesma se desvencilhava de Duncan e vinha na minha direção. Eu tive apenas o tempo suficiente para desviar enquanto a coisa pulava por cima da escrivaninha como um pônei saltando. No instante que me virei, já havia sumido pela janela. Minha vista melhorou... o bastante para achar o meu caminho por entre os cacos de vidro até a janela. Olhei para fora, tudo que se mostrava na minha frente era o costureiro horizonte de Glasgow.

Duncan continuou jogado no chão. Eu cambaleei até o seu lado, os olhos do homem me encaravam vidrados de dentro daquela face seca e chupada como uma uva passa deixada para secar no sol.

Ele estava morto e o corpo já esfriava.

Eu peguei o dinheiro da escrivaninha e, fechando quietamente a porta atrás de mim, saí à caça.

Minha primeira parada foi no Dois Cães. Disse para George do quê eu precisava e ele me deu um band-aid, uma cerveja e a promessa de que limparia a bagunça no escritório.

— Como foi que ele te achou? — Perguntei para George enquanto eu bebia da cerveja. A minha vontade era de seguir em frente e partir para a próxima, mas Duncan pusera seu dinheiro na mesa. Aquilo comprara a minha atenção, pelo menos por enquanto.

George deu de ombros.

— Como alguém me encontra? Você sabe como essa cidade funciona. Eu sabia bem até demais.

Todo mundo sabe de tudo quando há dinheiro envolvido e não sabe nada quando a Polis está na jogada.

Eu agradei George pela cerveja e segui até a Biblioteca Mitchell.

Eu pensei que já estava com dor de cabeça, mas duas horas olhando microfichas me ensinaram o verdadeiro significado do termo “dor de cabeça”. Pelo menos eu encontrei o que estava procurando. Anne Gardner, 31 anos, de Clarkson, foi encontrada morta no apartamento dela no dia

22 de fevereiro. A causa da morte foi declarada como desnutrição, ela morreria de fome, apesar de o médico legista ter entregue um veredito inconclusivo... ela estava perfeitamente saudável e nutrida na noite anterior. Foi, inclusive, vista bebendo cerveja e comendo curry em um restaurante na Rua Sauchiehall.

O escritório ficava na velha área mercantil no centro da cidade. Não haviam muito anos, aquele fora um lugar cheio de cortiços escuros e úmidos, com putas nas esquinas e bêbados com cheiro de vinho barato nos becos. Agora se erguia como um brilhante marco do consumismo com lojas de roupas italianas, cafeterias e escritórios cheios de cromo e vidro para pessoas em ternos caros.

Àquela hora noite, quase todas as portas estavam fechadas e trancadas. O que os engravatados não sabiam era que os bêbados e as putas não haviam ido embora. Eles apenas trocaram de turno. Naqueles becos, de noite, tudo que era desperdiçado pelos ricos se tornava as migalhas e petiscos dos pobres, enquanto todo o detrito produzido durante o dia era esquadrinhado e aproveitado.

As coisas nunca mudam de verdade.

O segurança da Carnegie Towers não se mostrou muito disposto a colaborar comigo, ao menos não até eu mostrar a garrafa de whisky que levava no casaco para ocasiões como essa. O truque funcionou e ele soltou a língua, uma nota de cinquenta do maço de Duncan garantiu que continuasse assim.

— Eu não conhecia a *lassie*⁷ Gardner — ele disse. — Mas eu estava aqui na noite que os outros dois morreram.

Eu lhe dei a garrafa inteira e o deixei falar.

— Todos sabiam sobre a equipe da dieta — continuou. — Todas noites dava para ver eles se enganando e passando vergonha na pequena academia lá em baixo. *Homens* feitos de trinta e quarenta anos tentando se passar por *lads*⁸ e falhando nisso. A morte da *lassie* os deixou um pouco sem motivação por um tempo, mas depois de algumas semanas estavam de volta ao ritmo de antes.

— Na noite que aconteceu dois deles estavam lá em baixo, cada um tentando levantar pesos maiores que os do outro. Nós três éramos os únicos no prédio e eu estava apenas esperando eles irem embora para poder trancar tudo e tirar um cochilo. Mas eles acabaram com o meu plano quando saíram do banho e resolveram pedir peixe com batata frita para comer. Me entregaram dez libras pra ir buscar a comida pra eles e me disseram pra ficar com o troco, então eu ainda estava bem irritado quando eles me ligaram mais tarde do escritório.

— Eles queriam que eu fosse lá em cima e me livrasse de um gato branco enorme que estava incomodando eles. Falei pra pegarem a porra do gato sozinhos.

— Não ouvi mais nem um pio deles depois disso.

7 Gíria escocesa para moça, garota (N.d.T).

8 Gíria escocesa para rapazes (N.d.T).

— Quando fui fazer a minha ronda às dez em ponto, encontrei eles mortos, com as caras dentro dos pratos. Os médicos disseram que eles morreram de fome, mas do quê esses médicos entendem? Todo mundo sabe que não tem como você morrer de fome enquanto come peixe com batata frita. Não faz sentido, não é natural.

Aquilo parecia ser o limite do seu conhecimento. Ainda não sabia o quanto aquilo fora de utilidade para mim, mas o meu *sentido aranha* estava apitando.

O jogo estava rolando.

Mas eu consegui algo interessante... consegui o endereço dos três membros do grupo da dieta restantes. Já fazia um bom tempo que nenhum deles era visto no trabalho, mas o segurança não pareceu muito preocupado.

— O Jovem Duncan ficava aqui mais do que os outros. Mas todos ficaram felizes quando ele ligou avisando que não voltaria. Estava ficando magro demais, de qualquer jeito — ele disse quando o deixei com o resto da bebida. — Ele dava medo.

Eu já sabia como Duncan terminara. Isso deixou apenas dois... Peter Clarke e David Ellison. Os dois moravam em Milngavie... longe demais para uma viagem àquela hora da noite. A dor pulsante na minha cabeça havia diminuído, embora ainda estivesse lá, e o pouco de whisky que eu bebi da garrafa junto com o segurança mal dava pro começo.

Eu *deveria* ter voltado para o escritório e para a cama no quarto dos fundos, mas tudo que me esperava eram os olhos mortos de Duncan. Eles ainda estariam lá, mesmo que George já tivesse limpadado toda a bagunça. Eu precisava beber antes de me ver preparado para encará-los. Vaguei até a Estação Central, encontrei um bar que fugira ao embelezamento da nova classe consumista e lá me estabeleci.

Tenho poucas lembranças do que aconteceu nas horas seguintes. Eu bebi, falei com estranhos e bebi mais. Bebi até a minha cabeça parar de pulsar e até não conseguir mais ver os olhos de Duncan.

Algum tempo depois eu caí no sono.

Sonhei com gatos brancos e peixe com batata frita.

Quando acordei já era de manhã e eu estava sentado em um banco na Estação de Ônibus da Rua Buchanan. O gosto na minha boca era como se alguém tivesse cagado nela. Peguei um táxi de volta ao escritório e subi as escadas com a mesma disposição que Duncan tinha conseguido usar no dia anterior.

George, do Dois Cães, havia cumprido a sua palavra. Não havia cadáver algum no chão e a janela estava concertada. A sala tinha um cheiro de massa de vidraceiro, então acendi um cigarro e adicionei um pouco de fumaça ao odor antes de tomar um banho e me barbear.

Depois de duas xícaras de café eu quase me sentia humano novamente. O peso do dinheiro de Duncan na minha consciência começou a me perseguir uma vez mais. Acendi mais um Camel, puxei o telefone para perto de mim e voltei ao trabalho.

Não foi difícil achar os números de Clarke e Ellison, mas Clarke não atendia o telefone e fui mandado para secretária eletrônica de Ellison. Ficar sentado no meu escritório não traria a ninguém benefício algum, então deixei uma mensagem para Ellison dizendo-lhe que estava indo até Milngavie.

Havia acabado de começar a chover, então peguei um táxi. O taxista não pareceu muito feliz de me levar tão ao extremo da cidade, mas uma rápida olhada no meu dinheiro o deixou calado quanto a isso. Seguimos a Great Western Road depois de Anniesland e o tráfico foi diminuindo conforme deixávamos a cidade para trás.

Tão longe do centro daquela forma, Glasgow vira subúrbio. Casas arrumadas com carros bonitos do lado de fora e pessoas elegantes do lado de dentro, vivendo suas vidas ajeitadas e ordenadas com toda a simetria de um relógio.

Para as pessoas daquela região, a Glasgow que eu conhecia era um outro país. Elas o visitavam durante o horário de trabalho, mas viam apenas o que estava logo ali na superfície, o que a cidade os permitia enxergar. Essas pessoas eram incapazes de ver que Glasgow era uma mulher velha, pensativa, sombria e fria. Alguém que se deixava mostrar apenas de noite, nos bares, nas docas e nos cemitérios onde as suas crianças dormiam em silêncio.

Algumas delas de vez em quando conseguiam visualizar um relance da verdadeira Glasgow no rosto de um bêbado, nas mãos de um mendigo. Mas logo esqueciam assim que chegavam em casa e se trancavam em seus refúgios com novelas, reality shows, jantas com a televisão ligada e caixas de vinho australiano.

Nunca me foi permitido esquecer da verdadeira Glasgow.

E eu não quero esquecer.

O táxi me deixou em uma rua sem saída cheia de casas idênticas... perfeitamente alinhadas, perfeitamente sem graça. Cortinas se mexiam enquanto eu fazia o meu caminho até a casa de Ellison. Uma mulher elegante vestindo um uniforme de enfermeira atendeu a porta.

— Eu sabia que o suburbanos eram meio tarados — eu disse. — Mas isso já não é um pouco demais?

Não consegui nem ao menos um sorriso.

— Se está aqui para ver o Sr. Ellison, ele está descansando e não pode ser perturbado.

— Ele está esperando por mim.

Ela me olhou de cima a baixo.

— Ele está esperando um detetive particular, não alguém que fede como uma cervejaria e aparenta ter dormido em uma.

— Deixei uma mensagem... — eu disse.

Ela suspirou alto e revirou os olhos. *A lassie era até bonitinha*, mas não o bastante para eu perder a minha compostura. A encarei até que cedesse.

— Ele recebeu a mensagem — ela disse finalmente. — Me disse para deixá-lo entrar.

Ela se pôs de lado, apenas isso, e o olhar que me deu dizia exatamente o que ela achava de tudo aquilo. Depois, me mostrou o caminho até uma sala frontal que havia sido adaptada em um quarto para tratar de um homem *muito* doente.

Ellison estava deitado em uma cama que parecia grande demais para ele. Ele me lembrou daquelas crianças famintas que se vê em fotos da África; a barriga inchada fazendo volume por baixo dos lençóis brancos, os braços finos como varetas, lábios pálidos e gengivas acinzentadas das quais saíam dentes amarelos como lápides.

— Ele não quer me deixar pôr soro por intravenosa — ela disse. — Não me deixa alimentá-lo, tudo que quer é água.

— Quanto tempo mais ele dura?

Ela deu de ombros, parecia ter deixado de se importar já faz algum tempo.

— Pelos meus cálculos ele já devia estar morto.

Um dos braços finos como varetas se erguer e acenou para que eu me aproximasse. Tive que me curvar muito próximo a ele para escutá-lo e mesmo assim sua voz mal se sobressaía a um suspiro.

— Diga para Clarke que não o perdoe — ele disse.

— Pelo quê?

Ele tossiu e grunhiu, pequenas manchas de sangue marcaram o branco dos lençóis.

— Foi Clarke que teve a ideia de tudo isso — ele disse. — Ele e aquela porra daquele contrato de compromisso que ele nos fez assinar.

O homem riu de forma amarga e eu percebi que mal passava dos trinta anos, agora parecia ter pelo menos oitenta.

— Tudo estava indo direito e agora só dois de nós sobraram. Bom, você pode dizer para Clarke que eu posso estar morrendo... mas eu o verei ir para o inferno antes.

Ele começou a rir histericamente e eu pude perceber algo a mais... o pobre coitado estava tão furioso quanto um saco cheio de macacos com raiva. Mais sangue foi cuspidado, a enfermeira me empurrou para o lado enquanto o acesso de tosse piorava e algumas máquinas nas quais ele estava plugado começavam a apitar mais rápido.

Nos fundos da sala duas portas de vidro abriam para o jardim, eu saí e acendi um cigarro.

Esse caso estava me intrigando, eu não aprendera nada do que queria e pouco que me levaria até a raiz do problema. Enquanto isso, todos os envolvidos estavam indo pra cova com rapidez.

A enfermeira veio cinco minutos depois e me pediu um cigarro.

— Como vai o paciente? — eu perguntei enquanto acendia o cigarro dela.

Ela deu uma boa tragada antes de responder.

— Ele tossiu até desmaiar — ela disse. — Ele não vai durar mais do que alguns dias. Talvez um pouco mais agora que eu pus o soro nele... ele não pode reclamar quando está inconsciente.

E assim, do nada, tudo fez sentido... Duncan bebendo o meu whisky, a Pequena Annie comendo curry, os dois homens devorando peixe com batata frita. Alguém... ou algo, não queria ninguém quebrando a dieta.

Contrato de compromisso.

Foi o que Ellison disse. Parecia que o compromisso era muito maior do que qualquer um deles pôde imaginar.

Me virei de volta para a sala.

— Você tem que tirar o soro — eu disse.

— Eu não *tenho* que fazer nada.

Não nos foi dado tempo para discutir. A janela da frente explodiu com um baque e algo que parecia um chimpanzé albino depilado pulou para dentro. Eu estava a meio caminho da cama já, mas era tarde demais. A coisa já tinha atracado a boca na cara de Ellison e estava *sugando*.

O som da vida de Ellison sendo drenada para fora do seu corpo fez as minhas entranhas se contorcerem. Eu continuei avançando e tentei socar a criatura corcunda sentada sobre o peito de Ellison, minha mão pareceu afundar dentro daquilo. A sensação era a de bater em uma pilha de manteiga morna.

O som úmido de sucção parou. A besta ergueu a cabeça para longe da casca seca que um dia fora David Ellison e se virou na minha direção.

Não havia um rosto.

Mas consegui me enxergar, mesmo assim.

Uma boca molhada e oleosa se abriu, nada além de uma fenda naquela coisa sem forma definida. Tentei mais um soco, mas acertei apenas o ar enquanto a besta pulava para fora da janela quebrada. Vi um último borrão branco enquanto a coisa saltava por cima dos arbustos antes de sumir.

A enfermeira estava em pé no chão do jardim, o cigarro pendendo dos seus dedos, a boca abrindo e fechando como um peixinho dourado asfixiando.

— Eu achei que ele estava tendo alucinações — ela sussurrou. — Um grande cachorro branco, ele dizia. Eu não acreditei nele.

Tirei o cigarro dela antes que se queimasse.

— O colega dele, Peter Clarke. Ele mora aqui por perto?

Ela não conseguia desviar os olhos da *coisa* completamente seca na cama.

— Eu achei que ele estivesse maluco — ela disse suavemente. Ela estava prestes a entrar em choque, mas eu não tinha tempo livre disponível para bancar o cara bacana. Comecei a dar tapas na cara dela até que ela me desse atenção, demorou um pouco.

Finalmente, os olhos dela olharam nos meus.

— Clarke — eu disse. — Ele mora aqui perto?

— Avenida Acacia — ela disse. — Duas esquerdas e então uma direita, número 45.

Eu estava quase saindo pela porta da frente quando ela se lembrou de ficar ofendida.

— Ei! Você bateu em mim. Eu tenho uma boa...

Não escutei mais nada. Eu corri através das ruas do subúrbio, torcendo para que chegasse a tempo.

O número 45 da Avenida Acacia não se parecia com as outras casas da rua. A grama não era cortada há meses e caixas de fastfood jaziam jogadas pela extensão do terreno ao lado de sacos de lixo arrebentados espalhando os seus conteúdos aos ventos.

Mas foi a porta da frente que me entregou o fato de que eu deixara o subúrbio para trás. Estava coberta de complicados desenhos feitos em carvão; espirais e voltas contornando pentagramas e hexagramas. Eu já havia visto coisas do tipo antes, durante pesquisas para outro caso que mergulhara um pouco na Zona Perdida. Mas aqueles desenhos na porta não pareciam com uma proteção mágica formal, e sim um homem tentando quantos símbolos conseguisse, esperando que algum deles pudesse de fato funcionar.

Eu bati com força na porta.

Alguém se mexeu lá dentro, mas não responderam.

— Sr. Clarke? Eu sei sobre a dieta... e o *Contrato de Compromisso*. Estou aqui para ajudar.

— Ajudar? Eu receio que a hora para isso já passou faz um tempo.

A porta abriu.

Eu esperava ver outra silhueta esquelética e trêmula, mas aquele *lad* era corpulento, quase gordo. Ele estava com a barba por fazer e tinha um cheiro azedo, mas parecia saudável.

— Peter Clarke?

Ele me puxou para dentro e fechou a porta rápido. Me guiou através de uma sala com pilhas até os joelhos de embalagens de comida, latas

de cerveja e roupas sujas. Fedia mais do que eu depois de uma noite na cidade. As cortinas estavam fechadas e o ar era parado e morno, nenhuma janela fora aberta ali por um longo tempo. Nunca vira um ambiente tão *honkin*⁹.

— É o dia de folga da minha diarista — ele disse enquanto derramava uma cascata de lixo no chão para que eu pudesse me sentar na poltrona. Sentei com cuidado, me certificando de que seria capaz de levantar antes de me fazer confortável.

Acendi um cigarro assim que ele sentou de frente para mim. A fumaça me ajudou com o cheiro, mas não era o bastante.

Permanecemos sentados olhando um para o outro por um tempo.

— Você está com uma boa aparência — eu disse quando ele não mostrou nenhum sinal de que ia falar algo.

— Considerando as circunstâncias, eu suponho que não possa reclamar. Podia estar morto, como os outros três.

— Outros cinco — eu disse suavemente.

Ele ficou pálido.

— Sou o último?

Concordei com a cabeça.

— Então aquilo deve estar *enorme* agora — ele disse.

Não precisei perguntar o que ele quis dizer.

— Eu já o vi — eu disse. — Mas não sei exatamente para o quê estava olhando. Se importa de me ajudar?

Ele puxou um engradado de cerveja e jogou uma na minha direção. Fui cauteloso o suficiente para dar uma boa limpada na lata com a manga da jaqueta antes de abri-la. Estava morna, mas desceu até que bem.

— Foi tudo culpa de Duncan — ele começou. — Fazia alguns dias que estávamos de dieta e conversávamos sobre metas. Decidimos perder algo em torno de sessenta e três quilos entre nós seis.

— ‘Isso é o mesmo que uma pessoa inteira’, o Duncan disse. E aquilo me deixou pensando que deveríamos nos fazer uma promessa. Então eu pedi para que um contrato fosse escrito, que nós tínhamos que continuar na dieta até que a soma dos pesos perdidos desse uma pessoa inteira. A ideia de assinarmos em sangue para selar o acordo foi minha.

Ele riu amargamente.

— Era pra ser uma piada... algo para manter o nosso foco. Como eu deveria saber que não era tudo besteira?

— Bom, agora você sabe — eu respondi. Acendi um segundo cigarro.

— Eu tive um pressentimento quando Annie morreu — ele disse. — E quando os outros dois foram achados no escritório, eu sabia que algo estava errado. Então eu fiz um pouco de pesquisa. Duas noites depois algo arranhou a minha porta depois que comi a minha janta, mas eu já havia me precavido. E tem funcionado até agora.

— Você tem estado aqui desde então?

9 Gíria escocesa para nojento, fedorento (N.d.T).

Ele apontou com os braços para todo o lixo à nossa volta.

— Bem vindo ao meu mundo.

— E você sabia como parar aquela coisa, mas deixou que ela levasse seus amigos mesmo assim?

Ele sacudiu os ombros.

— Achei que se estava perseguindo eles, não me perseguiria. Além do mais, se eles fossem ao menos um pouco esperto, teriam achado uma solução da mesma forma que eu achei.

Eu estava ficando com raiva, tive que pôr pra fora.

— Eles sofreram mortes horríveis que você não desejaria ao seu pior inimigo.

Ele sacudiu os ombros de novo.

— Essa é a vida — ele disse.

Eu não tinha mais nada para dizer para aquela *criatura*. A besta branca tinha mais humanidade dentro dela do que ele jamais teria.

Me levantei e andei para a porta da frente, ele me seguiu e ficou parado no corredor.

— Então você não sente qualquer arrependimento pelas mortes deles?

— Sobrevivência do mais apto — ele disse. — Eu venci.

Ele fechou a porta na minha cara.

Me virei para ir embora.

Lá estava, nas sombras, ao lado do pequeno arbusto... a silhueta branca tão alta quanto um homem sem qualquer forma ou traço além da bocarra escancarada. Andava de um lado para o outro e chiava em um lamento agudo, como um choro de criança.

Sobrevivência do mais apto.

Me virei de volta para a porta e limpei um bom pedaço vertical do feitiço de proteção. Saí andando. Eu escutei a porta quebrar para dentro enquanto eu alcançava o fim da rua.

Eu posso ter apenas imaginado os gritos.

— Mas eu sorri mesmo assim.